

A Escrita do Capítulo I do “ Livro dos Sonhos” : Freud, Leitor de seu Tempo

The writing of Chapter I of the Book on Dreams: Freud, a Reader of his Time

RESUMO – A correspondência de Sigmund Freud com Wilhelm Fliess é um vasto arquivo para investigação do processo de escrita do livro *A Interpretação dos Sonhos*. Através do registro epistolar, com frequência cotidiana, Freud narra as dificuldades que enfrentou na edificação da teoria psicanalítica: o processo de deslindar a estrutura das neuroses conduziu-o aos problemas relativos à formação onírica. O presente ensaio tem como objetivo acompanhar pelas cartas, a escrita do capítulo I “A Literatura Científica que trata dos Problemas dos Sonhos”. Por exigência de Fliess, Freud assumiu a árdua tarefa de preparar esse capítulo, que, ao final, revelou-se um entrave para os leitores. Nossa posição é demonstrar que o capítulo I é apropriado para revelar o leitor Freud na demarcação de seu campo teórico pelos embates com a literatura científica e filosófica de seu tempo.

Palavras-chave: cartas de Freud a Fliess – psicanálise – sonhos – sintomas.

ABSTRACT – Sigmund Freud’s correspondence with Wilhelm Fliess is a vast file for investigating the process of writing the book *The Interpretation of Dreams*. Through this registered epistle, Freud narrated daily the difficulties that he faced in the construction of psychoanalytic theory: the process of discovering the structure of neuroses drove him to the problems related to dream formation. The present article aims to follow the letters he wrote while writing chapter I “The Scientific Literature About the Problems of Dreams”. Because of Fliess’ demands, Freud assumed the arduous task of preparing this chapter that, ultimately, has revealed itself as a problem for readers. Our position is to demonstrate that chapter I is appropriate in revealing Freud as a reader in the demarcation of its theoretical field through the debates with the scientific and philosophical literature of his time.

Keywords: letters from Freud to Fliess – psychoanalysis – dreams – symptoms.

MÁRCIO MARIGUELA
Doutorando em Filosofia (Unicamp),
analista praticante, membro da Escola
Lacaniana de Psicanálise de Campinas
e professor da Faculdade de Filosofia
História e Letras (UNIMEP)
m.mariguella@zaz.com.br

INTRODUÇÃO

A

correspondência de Sigmund Freud com Wilhelm Fliess transcorreu no período de 1887 a 1904. O histórico da relação entre ambos é marcado por avatares que atravessam a esfera das afinidades eletivas, do âmbito familiar de descrição cotidiana, alojando-se no cenário da construção da psicanálise. Dois aspectos na escrita do livro *A Interpretação dos Sonhos* podem ser verificados com propriedade no conjunto das cartas: os problemas relativos à montagem do aparelho psíquico, como apresentado no capítulo VII, “A Psicologia dos Processos Oníricos”, e as dificuldades que Freud enfrentou na pesquisa bibliográfica para a definição do capítulo I, “A Literatura Científica que trata dos Problemas dos Sonhos”. O propósito deste ensaio limita-se a acompanhar o segundo aspecto.

A primeira versão das cartas que Freud enviou a seu amigo foi publicada em 1950. As informações biográficas atestam que Freud destruiu as cartas que Fliess enviou-lhe. Em 1928, após a morte de Fliess, sua esposa decide vender o material, juntamente com toda a biblioteca, a Reinhold Stahl, escritor e negociante de obras de arte de Berlim. Ao todo, a coleção era composta por 284 cartas, mais os rascunhos de trabalhos que Freud desenvolvia no período.

Por sua condição judaica, Stahl refugia-se em Paris em decorrência do regime nazista. Lá procura Marie Bonaparte para negociar a venda das cartas, com a estrita condição de que não fossem parar nas mãos de Freud, que certamente iria destruí-las. Numa carta à Freud de 30/12/1936, ela comunica a compra do lote por 12 mil francos, impedindo assim que esse material fosse parar na América do Norte: “Para que permaneçam na Europa e em minhas mãos, ele chegou até a conceder-me um preço mais baixo (...) Estou contentíssima por ter podido fazer isso, pois lamentaria ver tudo exposto ao mundo em geral. Não há dúvida de que o material é seu. Afinal, conheço sua letra!”.¹ Freud respondeu: “Nossa correspondência foi a mais íntima que você possa imaginar. Seria altamente embaraçoso que viesse a cair nas mãos de estranhos. Assim, é uma extraordinária obra de amor que você tenha conseguido e livrado do perigo (...). Não quero que nenhuma delas seja conhecida pela chamada posteridade”.²

Marie Bonaparte convence Freud que as cartas e os rascunhos são um valioso arquivo para estudos sobre as origens da psicanálise. Ele insistia na necessidade de destruir o material pois, “considerando

¹ Apud MASSON, 1986, p. 7.

² MASSON, 1986, p. 7.

a natureza íntima de nosso relacionamento, é claro que essas cartas versam sobre tudo e nada, sobre questões factuais e pessoais. As questões factuais dizem respeito a todos os palpites e pistas falsas ligadas ao nascimento da análise, e desse modo são também bastante pessoais”.³ Por que Freud afirma serem falsas as pistas que conduzem aos problemas centrais no processo histórico de construção da psicanálise? Certamente, as “questões factuais” referem-se ao percurso de Freud na montagem de sua psicologia dos processos oníricos em toda sua ramificação, desde o manuscrito *Projeto de uma Psicologia*, enviado à Fliess em 1895, até a publicação de *A Interpretação dos Sonhos*, em novembro de 1899. No entanto, o caráter íntimo dos escritos é a grande preocupação de Freud, daí seu desejo de impedir que viesse a público.

Na célebre biografia de Freud, Ernet Jones narra o percurso das cartas adquiridas por Marie Bonaparte. Afirma que ela “teve a coragem de desafiar seu analista e mestre e as depositou no Banco Rothschild, em Viena, durante o inverno de 1937-1938, com a intenção de estudá-las melhor quando retornasse no verão seguinte”.⁴ A saga do material é contada pelos percalços da expansão nazista pela Europa: de banco em banco, as cartas chegaram intactas em Londres. Anna Freud e Ernest Kris fizeram uma rigorosa seleção e publicaram 168 delas. Definiram o seguinte critério: “A seleção foi feita com base no princípio de tornar público tudo aquilo que se relaciona com a obra e com os interesses científicos do autor, bem como tudo o que se refere às condições sociais e políticas em que se originou a psicanálise, e de omitir ou abreviar tudo aquilo cuja publicação pudesse ser incompatível com o sigilo profissional e pessoal”.⁵ No fim da década de 70, Masson procura Anna Freud para convencê-la a publicar as cartas restantes. Todos os originais delas, bem como todos os manuscritos de Freud, encontram-se guardados na Biblioteca do Congresso Americano, em Washington.⁶

O SONHO NO PROJETO DE 1895

A intenção de escrever *A Interpretação dos Sonhos* aparece, pela primeira vez, na carta de 15/05/1897:

³ Carta a Marie Bonaparte de 10/01/1937, *apud* MASSON, p. 9.

⁴ JONES, 1970, p. 291.

⁵ *Apud* MASSON, 1986, p. 12.

⁶ Em 1980, Anna Freud doou os originais das cartas, bem como os manuscritos de Freud, para a Biblioteca do Congresso Americano, em Washington. O público brasileiro poderá conhecer parte desse arquivo na exposição “Sigmund Freud: cultura e conflito”, agendada para o período de 26 de setembro a 28 de novembro de 2000, no Museu de Arte de São Paulo.

(...) não importa onde comece, estou sempre voltando às neuroses e ao aparelho psíquico. Com certeza, não é por uma indiferença pessoal nem objetiva que não consigo fazer com que minha pena escreva nada além disso. As coisas estão fermentando, borbulhando dentro de mim; só estou à espera de um novo ímpeto (...) estou novamente pensando no livro sobre o sonho. Tenho examinado a literatura e me sinto como o diabinho celta: “Ah, como estou contente porque ninguém sabe!”. Ninguém sequer suspeita de que o sonho não é nenhum absurdo, e sim uma realização de desejo.⁷

A elaboração do “livro sobre o sonho” constitui a matriz da teoria psicanalítica, isso porque nele encontramos o delineamento da estrutura e do funcionamento do aparelho psíquico. A tese de que o sonho realiza desejos permitiu a montagem dessa estrutura.

É possível averiguar que as premissas centrais, que definem o campo da argumentação de Freud, podem ser remetidas ao manuscrito *Projeto de uma Psicologia*. Nos últimos itens que compõem a parte I do manuscrito, encontra-se a afirmação de que os sonhos são processos primários que irrompem todos os dias durante o sono. O que é o sono?

A *condição essencial* do sono claramente se reconhece na criança. A criança dorme enquanto não é atormentada por nenhum carecimento ou estímulo externo (fome e frio devido à umidade). Dorme com satisfação (no seio). Também o adulto dorme facilmente *post coenam et coitum*. Condição do sono é, assim, o *abaixamento da carga endógena no núcleo de psi*, que torna supérflua a função secundária.⁸

Se o sono implica um abaixamento da energia psíquica, por que sonhamos? Qual a fonte de estimulação das imagens oníricas que às vezes podemos recordar ao despertar?

No mesmo *Projeto*, Freud enumera as seguintes características do sonho:

1. Os sonhos *carecem de eliminação motora*, assim como, na sua maior parte, de elementos motores. No sonho está-se paralisado. (...) 2. As ligações do sonho são em parte *contra-sensos*, em parte *imbecis*, ou também

⁷ MASSON, 1986, p. 244.

⁸ FREUD, 1995, p. 49.

sem sentido, raramente insensatas. O último caráter explica-se pelo fato de que no sonho domina a *compulsão associativa*, como primariamente na vida psíquica em geral (...) 3. As representações do sonho são do tipo alucinatório, despertam a consciência e encontram crença (...) 4. O objetivo e o sentido dos sonhos (pelo menos, dos normais) pode-se determinar com certeza. Eles são *realizações de desejo*, portanto processos primários segundo as vivências de satisfação e só não são reconhecidos como tais porque neles a liberação de prazer (reprodução de traços de eliminação de prazer) é pequena, porque decorrem em geral quase sem afeto (sem liberação motora) (...) 5. É notável a má memória e o prejuízo dos sonhos em comparação com outros processos primários (...) 6. Ademais, é interessante que a consciência no sonho forneça a qualidade de forma tão imperturbável quanto na vigília (...).⁹

Temos assim estabelecidos os itens que irão compor a estrutura argumentativa de *A Interpretação dos Sonhos*. As características definidas demarcam o território da investigação de Freud: a gramática dos sonhos e dos sintomas. O funcionamento do aparelho psíquico obedece às mesmas coordenadas, estejamos dormindo ou acordados. Ou seja, sonho e sintoma são atos psíquicos portadores de sentido.

A LITERATURA CIENTÍFICA SOBRE OS SONHOS

No que tange ao capítulo I, “A Literatura Científica que trata dos Problemas dos Sonhos”, podemos observar o modo de organização do material oriundo da pesquisa bibliográfica empreendida por Freud. A composição desse capítulo ocorreu após a escrita dos demais que compõem *A Interpretação dos Sonhos*. Através da correspondência com Fliess, vemos o quanto a montagem desse capítulo tornou-se problemática para Freud.

Na carta de 09/02/1898, encontramos: “Estou profundamente imerso no livro dos sonhos, escrevendo-o com fluência, e gosto da idéia de todas as ‘cabeças balançando’ por causa das indiscrições e ousadias que contém. Se ao menos não fosse necessário ler tanto! Já estou farto da escassa literatura que existe”.¹⁰ No fim de fevereiro afirma

⁹ FREUD, 1995, pp. 51-53. Vale ressaltar que a matriz da interpretação do clássico sonho da injeção de propil em Irma é apresentada nos parágrafos finais da parte I do *Projeto*. Freud define esse sonho como modelo para demonstrar a tese de que o sonho realiza desejos. O capítulo II de *A Interpretação dos Sonhos* é construído a partir da distinção entre o método de interpretação simbólica e o método de interpretação por decifração. A escolha de Freud recai sobre o segundo.

¹⁰ MASSON, 1986, p. 299.

que diversos capítulos do livro já estavam completos: “ele está saindo primorosamente e me leva muito mais a fundo na psicologia do que eu havia imaginado”.¹¹ No dia 15/03 escreve para dizer que estava sentindo-se embotado, desorientado quanto ao problema da histeria e que o primeiro capítulo ainda não foi escrito. Nessa carta apresenta um esquema previsto para a composição do livro dos sonhos.

No dia 01/05, envia o capítulo III, “O material onírico” – que na publicação recebe o título da tese fundadora da obra, “O sonho é Realização de um Desejo” –, solicitando apreciação de Fliess. Freud considera que, apesar de seu empenho na escrita do livro, sente-se “completamente estúpido no que diz respeito a ele”. A parte sobre a psicologia do processo onírico achava-se em estado primário de escrituração. Alguns dias depois, reconhece que a elucidação do processo psíquico do sonho é a tarefa mais difícil a ser realizada. Em 24/05 afirma que o capítulo sobre a formação dos sonhos foi concluído, e, no dia 09 do mês seguinte, novamente volta a mencionar seu estado emocional:

É terrivelmente difícil expor a nova psicologia no que tange ao sonho; ela é necessariamente fragmentada, e todas as partes obscuras que, num estado de inércia, fui adiando até o momento, reclamam elucidação. Preciso de muita paciência, de um estado de espírito elevado e de algumas boas idéias. Estou emperrado na relação entre os dois sistemas de pensamento; preciso abordá-los com afinco. Mais uma vez, durante algum tempo, não terei serventia para ninguém. A tensão da incerteza responde por um estado abominavelmente desagradável, que se chega a sentir quase fisicamente.¹²

Nos meses seguintes, o ânimo de Freud permanece inalterado. Afirma que se perdeu do caminho traçado, que o livro está inerte, faltando-lhe incentivo para terminá-lo para publicação. Abatido em sua luta para elucidação da relação entre “os dois sistemas de pensamento”, dedica-se ao estudo da literatura científica procurando depreender os elementos de sua metapsicologia. Na carta de 26/08, por exemplo, afirma:

Que ando fazendo por aqui? Ficando um tanto entediado em Aussee, onde conheço bastante bem todas as trilhas. Não consigo ficar totalmente desprovido de

¹¹ *Ibid.*, p. 301.

¹² *Ibid.*, p. 316.

material. Outorguei a mim mesmo a tarefa de construir uma ponte entre a minha metapsicologia embrionária e a que está contida na literatura especializada e, por conseguinte, mergulhei no estudo de Lipps, que suspeito ter a mente mais lúcida entre os escritores filosóficos da atualidade. Até aqui, as coisas vão indo muito bem no tocante à compreensão e à aplicação a minhas próprias hipóteses. Naturalmente, este é um período de poucas explicações. Estou ficando cada vez mais inseguro quanto ao trabalho sobre a histeria; seu valor me parece menor, como se eu tivesse deixado de fora diversos fatores fundamentais, e abomino realmente a idéia de ter que retomá-lo.¹³

Quais os diversos fatores fundamentais para o deslindamento do sintoma histérico que Freud deixou de fora? Por que abomina a possibilidade de retomá-los? Na carta de 23/10 expressa o desejo de reencontrar o caminho “para a verdade, saindo de erros graves”. Até então, o capítulo I e o capítulo VII de *A Interpretação dos Sonhos* não estavam escritos. No entanto, disse que aprendeu uma lição que fez de si um velho: “Se a discriminação dos poucos aspectos necessários à explicação das neuroses implica tanto trabalho, tempo e erro, como posso ter esperança de obter, um dia, a compreensão de toda atividade mental, que foi em certa época minha orgulhosa expectativa?”¹⁴ A referência ao *Projeto* de 1895 é clara. Freud procura representar os processos psíquicos patológicos e normais, abrangendo assim toda a atividade mental.

Quanto à escrita do capítulo I, na carta de 05/12 vemos Freud lamentar sua tarefa:

A literatura [sobre o sonho] que estou lendo no momento deixa-me completamente embotado. É uma punição terrível para aqueles que escrevem. Nesse processo, tudo o que se tem de próprio se esvai. Muitas vezes, não consigo lembrar-me o que foi que descobri de inédito, já que tudo nessa descoberta é inédito. A leitura vai-se estendendo para diante, sem que haja um fim à vista. Chega disso!¹⁵

Dois dias depois, volta a falar sobre o “tédio pavoroso da literatura sobre os sonhos, que, mesmo assim, precisa ser lida”.¹⁶

¹³ MASSON, 1986, p. 325.

¹⁴ *Ibid.*, p. 333.

¹⁵ *Ibid.*, p. 336.

Em 28/05/1899, após meses de intensa batalha na elucidação dos problemas relativos aos processos psíquicos nos sonhos e nos sintomas na escrita do capítulo VII, Freud retoma a tarefa de escrever o capítulo I. Mas agora sente-se vitorioso: “o livro do sonho está tomando forma, de repente, sem nenhuma motivação especial, só que, desta vez, tenho certeza dele. Decidi que não posso usar nenhum dos disfarces, nem dar-me o luxo de abrir mão de coisa alguma, pois não sou rico o bastante para guardar só para mim minha melhor descoberta e, provavelmente, a única duradoura”.¹⁷

Após a derradeira constatação, o problema da literatura científica sobre os sonhos é encarado de frente por Freud. Está convencido que não há motivo para emperrar nela:

Infelizmente, só para assustar, os deuses puseram a literatura [sobre o sonho] antes da exposição. Na primeira vez, fiquei emperrado nela. Desta vez, abrirei caminho à força até o fim; de qualquer maneira, não há nada de importante ali. Nenhum outro de meus trabalhos foi tão completamente meu, meu próprio monte de esterco, meu arbusto e, ainda por cima, uma nova *especies mihi*.¹⁸

Em fins de junho, afirma que o capítulo I estava mais extenso do que fora previsto, “e não será agradável, nem frutífero. Contudo, é um dever prepará-lo. Nesse processo, não passei a gostar mais do assunto”.¹⁹ No dia 22 desse mês, Freud registra o término do trabalho sobre a literatura especializada e apresenta como Introdução ao livro do sonho: “Ela foi escrita, constituiu uma tarefa amarga para mim e não saiu muito satisfatória. A maioria dos leitores ficará retida nesse mata-gal espinhoso e jamais chegará a ver a Bela Adormecida por trás dele”.²⁰ Dias depois, volta afirmar que “esse capítulo se revelará uma dura prova para o leitor”.

Após ter enviado em 06 de agosto o capítulo para Fliess apreciar, partilham o seguinte: “(...) esse primeiro capítulo é capaz de impedir que uma porção de leitores prossiga para os capítulos subsequentes”.²¹ Freud explicita que o capítulo sobre a literatura foi uma exigência de

¹⁶ MASSON, 1986, p. 337.

¹⁷ *Ibid.*, p. 354.

¹⁸ *Ibid.*, p. 354.

¹⁹ *Ibid.*, p. 358.

²⁰ *Ibid.*, p. 363.

²¹ *Ibid.*, p. 366.

Fliess e que o realizou a contragosto. Ao final, ambos não gostaram nem um pouco do resultado.

Freud apresenta uma metáfora bem apropriada para o leitor de seu livro:

A coisa foi planejada segundo o modelo de um passeio imaginário. No começo, a floresta escura dos autores (que não enxergam as árvores), irremediavelmente perdido nas trilhas erradas. Depois, uma trilha oculta pela qual conduzo o leitor – meu sonho exemplar, com suas peculiaridades, pormenores, indiscrições e piadas de mau gosto – e então, de repente, o planalto com seu panorama e a pergunta: em que direção você quer ir agora?²²

Afinal, o que há de tão pantanoso no capítulo I, capaz de afastar o leitor? Se a literatura especializada não fornece elementos sobre os aspectos essenciais dos sonhos, por que Freud decidiu realizar um extenso trabalho de pesquisa bibliográfica? O que Freud pôde depreender da leitura que realiza das obras selecionadas? O capítulo é apresentado “à guisa de prefácio, uma revisão do trabalho empreendido por autores anteriores sobre o assunto, bem como a posição atual dos problemas dos sonhos no mundo da ciência, visto que, no curso de meu exame, não terei muitas ocasiões de voltar a esses tópicos”.²³

Quais são os tópicos que Freud recorta do que leu? Após demarcar a visão pré-científica dos sonhos na Antiguidade Clássica, apresenta as idéias dos especialistas que publicaram sobre os sonhos no decorrer do século XIX. Agrupa os autores em torno de oito tópicos, na seqüência: a relação dos sonhos com a vida de vigília; o material dos sonhos – memória nos sonhos; os estímulos e as fontes dos sonhos; por que nos esquecemos dos sonhos após o despertar?; as características psicológicas distintivas dos sonhos; o sentido moral nos sonhos; teorias do sonhar e de sua função; e as relações entre os sonhos e as doenças mentais. Estabelecidos os tópicos, Freud nomeia um a um os autores que contribuíram para esclarecer o que está em questão. Há uma extensa bibliografia, que foi revista a cada nova edição do livro.

A seleção desses tópicos demarca o campo da problemática identificada no *Projeto* de 1895. A conclusão do percurso na literatura é enunciada desde o segundo parágrafo:

²² MASSON, 1986, p. 366.

²³ FREUD, 1987, p. 39.

(...) apesar de muitos milhares de anos de esforço, a compreensão científica dos sonhos progrediu muito pouco (...). Nesses escritos, dos quais consta uma relação ao final de minha obra, encontram-se muitas observações estimulantes e uma boa quantidade de material interessante relacionado ao nosso tema, porém pouco ou nada que aborde a natureza essencial dos sonhos ou ofereça uma solução final para qualquer de seus enigmas.²⁴

São mais de 70 páginas dedicadas à literatura que, segundo o autor, em nada contribuem para estabelecer a natureza essencial dos sonhos: realização de desejos. Nelas podemos depreender o Freud leitor e incansável decifrador de enigmas, que cumpriu a tarefa de um recenseamento bibliográfico, transformando-se em exigência para qualquer interessado no tema.

CONCLUSÃO

Na Conferência V, “Dificuldades e Abordagens Iniciais”, de 1916, Freud situa com precisão os problemas relativos à literatura científica sobre os sonhos. Estabelecendo a premissa que sustenta *A Interpretação dos sonhos*, pergunta: “qual deve ser a verdadeira origem do desprezo no qual são mantidos os sonhos nos círculos científicos? Acredito que se trata de uma reação contra a supervalorização dos sonhos em épocas antigas”.²⁵ A posição científica sobre os sonhos é marcada pelas teorias fisiológicas, que não consideram os sonhos como atos psíquicos, mas sim como expressão de estímulos somáticos.

Freud admite que “os estímulos incidem sobre a mente e ela deve reagir a eles. Um sonho, pois, é a maneira como a mente reage aos estímulos que a atingem no estado de sono”.²⁶ Isso prova que a vida psíquica não consegue dormir, isto é, está em atividade ininterrupta. Por outro lado, a linguagem predominante nos sonhos é composta de imagens visuais, e isso os distingue da atividade de vigília, ou seja, dos processos de pensamento por meio de palavras. Aqui ficam estabelecidos os dois processos psíquicos constitutivos: o primário e o secundário.

Os sonhos são representantes dos processos primários, ao passo que os pensamentos de vigília são secundários. Eis o argumento decisivo para sustentar a analogia entre os sonhos e os sintomas:

²⁴ FREUD, 1987, p. 39.

²⁵ Idem, 1976, p. 108.

²⁶ *Ibid.*, p. 112.

(...) os sonhos, por si mesmos, são um sintoma neurótico que nos oferece, ademais, a inestimável vantagem de ocorrer em todas as pessoas sadias. Na verdade, supondo-se que todos os seres humanos fossem normais contanto que sonhassem, nós, partindo de seus sonhos, poderíamos chegar a quase todas as descobertas a que nos levou a investigação das neuroses.²⁷

A relação entre os sonhos e os sintomas neuróticos é estabelecida como objetivo central do “Livro dos Sonhos” e as citações que fez de Kant e Schopenhauer atestam que “o louco é um sonhador acordado” e “os sonhos são uma loucura breve, e a loucura um sonho longo”. No Prefácio à primeira edição de *A Interpretação dos Sonhos*, declara que suas investigações mostram ser o sonho o primeiro membro de uma classe de fenômenos psíquicos anormais, e faz a seguinte advertência: “(...) quem quer que tenha falhado em explicar a origem das imagens oníricas dificilmente poderá esperar compreender as fobias, obsessões ou delírios, ou fazer com que uma influência terapêutica se faça sentir sobre eles”.²⁸

Convém pôr em cena a advertência de Freud no festim das comemorações do centenário da obra fundadora da psicanálise, e retomar, assim, as rupturas que a psicanálise realiza nos discursos científicos de seu tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREUD, S. [1895] *Projeto de uma Psicologia*. Trad. Osmyr Faria Gabbi Jr. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- FREUD, S. *L'Interprétation des Rêves*. Traduit en français par I. Meyerson, nouvelle édition augmentée et entièrement révisée par Denise Berger, 7^a tirage, Press Universitaires de France: Paris, 1993.
- FREUD, S. [1900] *A Interpretação dos Sonhos*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas. 2^a ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987, v. 4-5.
- FREUD, S. [1916-1917]. *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise* Edição Standard Brasileira das Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. 15.
- JONES, E. *Vida e Obra de Sigmund Freud*. Trad. Marco Aurélio de Moura Mattos. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970, v. 1.
- MASSON, J.M. [1887- 1904] *Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

²⁷ FREUD, 1976, p. 105.

²⁸ Idem, 1987, p. 29.

